

## PARA UM MUSEU DO POVO<sup>1</sup>

### A pedagogia Freinet aplicada em ecomuseus

Moana Campos Soto<sup>2</sup>

#### Resumo

Diante dos avanços da Nova Museologia, as propostas educativas no âmbito dos museus também precisam ser renovadas. O conceito de Ecomuseu nos remete ao trabalho do educador Celestín Freinet, que ao fazer educação através de quatro eixos fundamentais – cooperação, afectividade, comunicação e registro – trabalha os principais aspectos do fazer museológico na relação museu e sociedade. Assim, o presente trabalho pretende discutir a aplicabilidade da Pedagogia Freinet na realidade dos Ecomuseus e, no futuro, construir uma metodologia de trabalho efectiva voltada para a formação de cidadãos comprometidos com a preservação da memória e do património comunitário.

**Palavras-Chave:** Ecomuseu; Educação Popular; Freinet.

#### Abstract

Given the advances of the New Museology, the educational proposals in the context of museums also need to be renewed. The

---

<sup>1</sup> Analogia ao livro de Celestín Freinet “*Para uma Escola do Povo*” – Rio de Janeiro, Brasil: Martins Fontes (1996).

<sup>2</sup> Pedagoga licenciada pela *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* (Brasil), Mestranda em Museologia pela *Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias* (Lisboa – Portugal). Atuou em instituições como *Museu da República* (Rio de Janeiro – Brasil) e *Museu do Casal de Monte Redondo* (Leiria – Portugal).

concept of Ecomuseum remind us to the work of the educator Celestín Freinet, that by doing education through four fundamental pillars – cooperation, affection, communication and record – the main aspects of the museum work done in relation museum and society. This paper aims to discuss the applicability of the Freinet's pedagogy at ecomuseums and in the future, build an effective method of working toward the formation of citizens committed to preserving memory and community heritage.

**Key-words:** Ecomuseum; Popular Education; Freinet.

### Resumée

Étant donné les progrès du Nouveau Muséologie, les propositions éducatives dans le contexte de musées ont aussi besoin d'être renouvelé. Le concept d'Écomusée nous rappeler au travail de l'éducateur Celestín Freinet, que par l'action d'éducation au travers de quatre piliers fondamentaux – coopération, affection, communication et l'enregistrement – les principaux aspects du musée travail accompli en matière de musée et de la société. Ce document a pour but de discuter de l'applicabilité de la pédagogie Freinet écomusée à la réalité et à l'avenir, la construction d'une méthode de travail efficace pour la formation de citoyens engagés dans la préservation de la mémoire et du patrimoine de la collectivité.

**Mots clés:** Ecomusée, Éducation Populaire, Freinet.

Os Ecomuseus são instituições voltadas ao atendimento de uma comunidade, para isso trabalham com o patrimônio global desta região, compreendido assim como a totalidade do ambiente natural e cultural deste grupo. Desta forma, os Ecomuseus se configuram como instrumentos de participação e representação popular, voltados para o reconhecimento e o desenvolvimento comunitário.

Dispondo de recursos e métodos para que toda uma comunidade possa analisar e aprender, sempre de forma reflexiva, aspectos e situações que se apresentam no âmbito social, os Ecomuseus utilizam-se, principalmente, da linguagem mundana, daquilo que faz parte do quadro real da vida quotidiana, dos mais variados tipos humanos e situações que estão presentes no seio da comunidade. Os Ecomuseus são, fundamentalmente, espaços de construção e preservação da identidade e da memória sócio-histórica de um povo.

Compreendida como processo, a educação, do ponto de vista da Museologia, deve ter como referencial fundamental o património cultural, este é o suporte de toda e qualquer acção educativa em museus. Cabe a educação aqui proporcionar esse processo através do posicionamento crítico diante deste património e estimular uma reflexão constante diante do que foi produzido, ontem e hoje, procurando assim construir um futuro melhor. À Museologia cabe a pesquisa e a construção de uma metodologia que privilegie a participação, com base no envolvimento comunitário, assim os temas abordados nas exposições e acções culturais em geral vão surgir do questionamento e do interesse da comunidade.

A pensar neste contexto, o trabalho teórico-prático realizado pelo educador francês Célestin Freinet, aponta alguns caminhos. Muitas são as suas contribuições há cerca das actividades educativas que poderiam ser efectivadas em Ecomuseus, bem como em outros que apresentam tais características, voltados especialmente ao âmbito da comunidade, ou seja, do próprio fazer comunitário.

Celestín Freinet viveu como um menino de aldeia. Filho de camponeses, conheceu desde muito cedo a importância do trabalho de cada um em prol do colectivo. Os anos de sua infância foram base de construção para uma pedagogia profundamente identificada com o meio rural e o quotidiano camponês, ou seja, uma proposta

pedagógica verdadeiramente comprometida com a vida ao seu redor.

Para a Pedagogia Freinet o ato educativo em si – enquanto acção regulamentada que acontece dentro ou fora do âmbito escolar, mas sempre profissionalmente – não pode estar dissociado do contexto social em que os indivíduos estejam inseridos, parte-se então da compreensão da realidade prática e democrática, ou seja, uma educação que tenha um significado real na vida do educando, através da sua participação activa no ato de aprender.

A proposta freinetiana desenvolve-se, fundamentalmente, por meio de uma forte articulação entre educação e política. Suas práticas pedagógicas são centradas na ideia do trabalho, da acção humana, sendo caracterizado pela inserção do educando na construção da realidade histórico-social, ou seja, uma educação popular que venha a surgir através dos interesses dos educandos e que possa contribuir no desenvolvimento da sociedade.

Freinet nos aponta então à uma proposta pedagógica centrada em quatro eixos fundamentais: comunicação, cooperação, registro e afectividade. No âmbito desta proposta, a educação tem como função primordial fazer com que os indivíduos descubram a sua importância enquanto agentes históricos, sendo assim, fundamental que todos possam viver em um clima democrático, pautado no comprometimento efectivo com o colectivo.

Lembramos que estes quatro eixos, mesmo sendo abordados individualmente nos próximos parágrafos, estão completamente relacionados e a sua ordem é irrelevante, assim, tal como em uma *edificação*, estes eixos são os *pilares de sustentação*: a falta, ou mesmo a deficiência de qualquer um deles poderá, não só comprometer a estrutura do todo, bem como causar sua ruína.

Os museus são instituições que actuam por meio de acções comunicativas, podemos tomar como referencial as próprias

exposições, que tem o papel de ser intermédio entre os museus e o público, actuando de forma que a comunicação possibilite uma troca real entre as partes. Os Ecomuseus se configuram assim como o espaço ideal para essas trocas, já que é um espaço fundamentalmente popular e aberto ao convívio comunitário.

Esta comunicação efectiva entre os indivíduos é possível apenas em um ambiente fundamentado nos princípios da democracia, o diálogo acontece quando todos envolvidos são respeitados, essa atmosfera de solidariedade é a característica necessária ao trabalho educativo em um museu de comunidade, para que o aluno, através do reconhecimento do seu direito de “vez e voz”, possa se perceber como parte de um grupo único e diverso, um cidadão autónomo e consciente do seu papel, que está inserido numa comunidade regida por direitos e deveres, onde o património é uma “*ponte*” entre os indivíduos, possibilitando uma troca efectiva entre gerações.

Comunicação é diálogo. Ao contrário das tão comuns “visitas guiadas” oferecidas pelos museus mundo afora, que percebem os alunos como depósitos vazios e prontos para serem preenchidos com uma série de novas informações, a proposta em questão pretende tornar os museus um espaço onde a construção do conhecimento se dá através da relação dialógica, ou seja, se a exposição comunica, o público também pode comunicar e será por meio desta troca que se constrói efectivamente o discurso dos Ecomuseus.

*“Ninguém educa a ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si”.*<sup>3</sup> No âmbito cultural nada pode ser ensinado, se aprende em reciprocidade de conhecimentos, não existe a figura do professor, existe aquele que actua como um promotor ou coordenador, que irá fornecer alguns conhecimentos necessários e certas informações solicitadas pelo grupo, a fim de

---

<sup>3</sup> Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

promover as condições favoráveis ao bom funcionamento de uma dinâmica dialógica, reduzindo ao mínimo sua intervenção directa e a possibilidade de direcionamento dos possíveis resultados.

O papel do educador no âmbito dos museus é de mediador da relação educando e objectos/exposição, e devemos estar conscientes que o prazer oriundo desta relação é o elo de aproximação entre as instituições museais e os cidadãos. Assim ao promover a abertura de *espaços de liberdade* – tais como os Ecomuseus – é fundamental termos claro que este mundo personalizado deve receber seu público respeitosamente, em um clima de confiança, serenidade e segurança, onde todos poderão encontrar os suportes necessários para definir sua própria identidade, vivenciando as situações do aprender, diante de suas descobertas e possibilidades de conhecimento.

O museu, assim como a escola e outras instituições que promovem a cultura, deve ser um espaço de prazer, um pólo cultural que desperte uma série de sentimentos positivos, ou seja, um ponto de encontro para toda a comunidade, deve ser um ambiente de estímulos e trocas sócio-culturais permeadas pelo afecto. O ser humano será mais facilmente capaz de se superar e produzir conhecimentos em um clima de respeito e afeição, cabe então a estas instituições propiciar um ambiente que estimule a criação, o novo.

Assim, o Ecomuseu se configura também como um espaço aberto para todos, que desperta o sentimento de acolhimento, fundamental para o desenvolvimento de uma relação afectiva sólida e duradoura. *Quem ama cuida*. Esse carinho tão especial deverá ser a base fundamental para o reconhecimento do museu como parte da identidade de cada cidadão, e assim a sua importância estará assegurada, bem como sua preservação em si, ou seja, através da afectividade que iremos despertar um sentimento vital para a existência dos museus, a preservação.

A afectividade resulta em respeito, conhecimento e cuidado, essa relação fraternal será construída ao longo de actividades cooperativas. O museu deve ser um espaço que seja permeado por um clima afectivo integrador, onde o diálogo participativo se configure como a ferramenta fundamental para as relações humanas.

O encontro da comunidade se dá dentro e fora da instituição museológica, o mundo possibilita a troca e cabe ao museu criar alguns artifícios para que essa se efective e vá além, seja documentada e compreendida. No âmbito dessas relações entre sujeitos (educadores e educandos), objectos do conhecimento (temas, assuntos, objectos em si) e contexto no qual se inserem (em particular os museus) existe um processo verdadeiramente interactivo onde a afectividade é o principal componente para a participação, direccionamento e intensidade das acções museológicas.

Ao se tratar de participação, o eixo cooperação se configura enquanto um aspecto primordial para a sustentabilidade dos Ecomuseus. Os educandos devem perceber, desde cedo, a importância do comprometimento com o colectivo, através da valorização de uma unidade comunitária e do reconhecimento do outro como parte fundamental para construção da sociedade, do fazer comunitário.

Uma das grandes questões de Freinet era a necessidade de fazer que cada criança pudesse perceber que não está só, mas que faz parte de uma colectividade, em que nasceu e/ou irá viver, o meio em que cada um de nós está inserido, e será mediante uma inserção bem sucedida, que o ser humano será capaz de construir e experimentar sua identidade.

Ao se reconhecer como parte de uma comunidade, percebem assim a importância do outro, e comprometem-se com o colectivo, os educandos identificam-se como parte de um grupo social,

indivíduos que estão inseridos numa comunidade com determinada cultura, em determinado momento histórico, ou seja, sujeitos sócio-históricos.

A cooperação é percebida então como um elemento de integração, que irá tornar possível o contacto entre os indivíduos em prol de algo comum a todos. O museu poderá, a partir de então, ser verdadeiramente compreendido como uma grande unidade integrada, constituído através da participação – em diferentes graus – de todos os cidadãos.

Compreender a importância do outro se dá através do conhecimento deste, ter conhecimento da vida daqueles que estão a sua volta é algo mais fácil, onde a actuação dos museus não se faz vital, no entanto, o conhecimento a cerca daqueles que não mais estão em nosso convívio – indivíduos já falecidos ou que se perdeu o contacto – se dá por meio da acção dos registos históricos, relatos ou objectos museais.

Registro é memória, tudo o que é descoberto, vivido e produzido tem seu valor e precisa ser registrado. Esta prática está intimamente ligada à construção da identidade dos indivíduos, é o despertar da consciência dos educandos em relação a suas próprias vidas, para que se descubram enquanto agentes históricos.

Para tanto, faz-se necessário um contacto directo com os registos anteriores, os percebendo como a herança cultural de toda uma comunidade a qual estes alunos também são parte, valorizando assim os registos das gerações passadas como indicativos de sua identidade, e os seus próprios como referenciais de sua história de vida para o futuro, deseja-se que os indivíduos possam reconhecer todos os diversos tipos de registro como instrumentos da memória.

Em seguida, é preciso que os educandos também possam produzir seus próprios registos, para que assim esteja assegurado o direito à livre expressão, tendo todos então participação efectiva e



reconhecida pela comunidade. O uso deste material produzido deve ser contextualizado junto ao trabalho do museu, precisa ter de fato uma utilidade prática, só assim a aprendizagem e a produção dos educandos irá se configurar em trabalho útil, em algo que seja realmente uma contribuição para a comunidade, assim cada um irá sentir-se como parte de um grande esforço colectivo.

Indo além dos registros – objectos, exposições e o que mais pode ser produzido – o material didáctico é instrumento fundamental para que se estabeleça uma acção educativa, e deve estar, comprometido com o projecto pedagógico do museu. A pensar na realidade da grande maioria dos Ecomuseus, precisamos de matérias que sejam de boa qualidade e a baixo custo, assim, a melhor opção se configura em materiais de uso colectivo, ou seja, um material único e cada grupo deverá assumir um compromisso de cuidar dos materiais, para que o próximo grupo os encontre em perfeito estado de uso.

Desta maneira, através do material didáctico – por mais simples que seja – todos os quatro eixos serão efectivamente trabalhados: a cooperação se instala quando penso que o outro precisa do meu cuidado para também usufruir desta experiência; a comunicação se dá através da troca dos resultados obtidos entre os educandos; a afectividade fica estabelecida quando pensamos no cuidado para com aquilo que gostamos; e por fim o próprio material em si é um mais um registro, sendo que a partir deste, muitos outros poderão surgir por meio da acção dos alunos.

Assim o Ecomuseu assume sua verdadeira função educativa, ao possibilitar que os indivíduos possam desenvolver o espírito crítico, analítico e pesquisador, ou seja, essa é a verdadeira praxis libertadora, o Ecomuseu trata-se então de uma instancia que educa por meio da consentização e reflexão, buscando o desenvolvimento de uma visão clara das relações sócio-históricas das quais os

indivíduos são parte, para que efectivamente haja uma formação voltada para o exercício da cidadania.

Diante deste quadro, penso: e o que faria Freinet se fosse entregue em suas mãos a missão de construir um museu? O que seria feito desse espaço, e qual seria a importância deste para seus alunos, e também, para a comunidade?

Muitos pensariam que Freinet, por ser um educador, faria um museu didático, pensado tão simplesmente para facilitar e dinamizar a explicação dos conteúdos escolares. Mas eu lhes digo que não. Quem conhece verdadeiramente a pedagogia Freinet sabe que os conteúdos devem surgir da própria vida, devem ser parte do quotidiano, o mundo não deve ser pensado para os atender, mas sim estes devem explicar o mundo.

Então, de certo, seria um espaço do quotidiano, da realidade, da vida e história das pessoas, da comunidade. Freinet era um educador popular, valorizava a vida comunitária e sabia como poucos reconhecer o valor dos indivíduos. Posso então afirmar, que diante deste desafio, Freinet nos apresentaria como proposta um Ecomuseu.

E não iria o construir sozinho, teria como grandes parceiros seus próprios alunos. Freinet acreditava no potencial humano, independente de idade ou nível de escolaridade, ele tinha para si que o desenvolvimento de cada um parte dos seus desejos pessoais, e os indivíduos são tão somente fruto destes interesses.

Ao contrário do que se poderia pensar, o museu de Freinet não seria dele, seria de seus alunos, e de toda a comunidade. O Ecomuseu de Celestín Freinet seria um espaço de representação da vida, dos interesses mundanos, da história das pessoas. Seria um espaço para a criação, e principalmente uma *ferramenta de trabalho* que iria resultar em um produto socialmente reconhecido e valorizado: as exposições, o museu em si.

Assim, a partir desta conclusão, me encontro diante de um novo desafio: aplicar a pedagogia Freinet no âmbito dos museus e da Museologia, indo além dos departamentos e acções educativas, e principalmente fugindo das utopias para trabalhar o real, construir uma proposta concreta que tenha na relação museu-escola as directrizes para a dinamização de Ecomuseus. Que seja este meu próximo artigo, ou que seja uma pequena provocação para que os museus se permitam ousar, acreditando no potencial criativo dos mais jovens como instrumento para a transformação das instituições museais.

Encerro aqui, com uma frase do próprio Celestín Freinet, que, ao descrever o ideal de escola moderna, parecia nos apontar o verdadeiro propósito de um Ecomuseu, ou seja, o museu comunitário *"não é nem uma capela nem um clube mais ou menos restrito, mas, na realidade, uma via que nos conduzirá aquilo que, todos juntos, construiremos"*.<sup>4</sup>

### Referências Bibliográficas

- Cendales, L. & Mariño, G. (2006). *Educação não-formal e Educação Popular: Para uma Pedagogia do Diálogo Cultural*. Rio de Janeiro – Brasil: Edições Loyola.
- Chagas, Mário (1996). *Museália*. Rio de Janeiro – Brasil: JC.
- Elias, Marisa Del Cioppo (1996). *Pedagogia Freinet: Teoria e Prática*. São Paulo – Brasil: Papyrus.
- Freinet, Celestín (1991). *Pedagogia do Bom Senso*. Rio de Janeiro – Brasil: Martins Fontes.
- Freinet, Celestín (1996). *Para uma Escola do Povo*. Rio de Janeiro – Brasil: Martins Fontes.

---

<sup>4</sup> Silva, Andressa Alves da. *Assim foi a vida de Celestín Freinet*. Acedido em fevereiro de 2008, em <http://www.pedagogia.pro.br/freinet.htm>

- Freinet, Celestín (1998). *A Educação do Trabalho*. Rio de Janeiro – Brasil: Martins Fontes.
- Freinet, Élise (1979). *O Itinerário de Celestín Freinet: a Livre Expressão na Pedagogia Freinet*. Rio de Janeiro – Brasil: Francisco Alves.
- Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Horta, Maria de Lourdes Parreiras. (1999). *Guia Básico de Educação Patrimonial*; Brasília: IPHAN, Museu Imperial.
- Maury, Liliâne (1993). *Freinet e a Pedagogia*. Rio de Janeiro – Brasil: Martins Fontes.
- Silva, Andressa Alves da. *Assim foi a vida de Celestín Freinet*.  
Acedido em fevereiro de 2008, em  
<http://www.pedagogia.pro.br/freinet.htm>
- Oliveira, Anne Marie Milon (1995). *Celestín Freinet: Raízes Sociais e Políticas de uma Proposta Pedagógica*. Rio de Janeiro – Brasil: Papéis e Cópias de Botafogo.
- Severino, Antônio Joaquim. (2001). *Educação, Sujeito e História*. São Paulo: Olho d'Água.
- Varine, Hugues de. (2000) *A nova museologia: Ficção ou Realidade*. In: *Museologia Social*. Porto Alegre: Unidade Editorial / Secretaria Municipal de Cultura.
- Varine, Hugues de (1987). *O Tempo Social*. Rio de Janeiro – Brasil: Livraria Eça.
- Varine, Hugues de. *Património e Educação Popular*. Acedido em fevereiro de 2007, em [http://www.direitodeaprender.com.pt/revista02\\_02.htm](http://www.direitodeaprender.com.pt/revista02_02.htm) .